



O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DA EJA NO/DO CAMPO: POSSIBILIDADES DIALÓGICAS NA PRODUÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DOS(AS) TRABALHADORES(AS) ESTUDANTES

Márcia Santos Barrêto¹; Rita de Cássia Santana de Oliveira²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia (PPGEJA/UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Formação, Currículo e (Inter)Subjetividades (FORMACI/UNEB). E-mail: marcia.barreto10@outlook.com;

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia (PPGEJA/UNEB), coordenadora do Grupo de Pesquisa Formação, Currículo e (Inter)Subjetividades (FORMACI/UNEB). E-mail: rcsantana@uneb.br.

EIXO TEMÁTICO 3: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LETRAMENTO MATEMÁTICO E MÚLTIPLAS LINGUAGENS.

RESUMO

Compreendemos que o campo da Educação Matemática precisa responder às necessidades concretas de vida e de trabalho dos sujeitos que aprendem. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa questão se torna premente, pois envolve sujeitos trabalhadores(as) que constroem e reelaboram saberes a partir de suas experiências de vida e de trabalho. Tais saberes, originados na prática cotidiana, fortalecem o diálogo entre a vivência e o conhecimento escolar, reafirmando uma aprendizagem que reconhece os(as) trabalhadores(as) estudantes como protagonistas nos processos de aprendizagem e transformação social. A educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos, respeitando seus contextos de vida e de trabalho, pois, como afirma Freire (1996, p. 85), “é na realidade concreta que devemos buscar o conteúdo programático da educação”. Nessa perspectiva, a prática educativa se constrói no diálogo e na valorização dos saberes da experiência. Como também destaca o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 78), evidenciando que o processo educativo é coletivo, dialógico e transformador. Assim, o ensino da Matemática na EJA deve articular os saberes da vida, promovendo conscientização e autonomia das pessoas jovens e adultas. Roseli Caldart (2012) enfatiza que a educação do campo deve valorizar a identidade dos sujeitos e o trabalho da cultura camponesa, compreendendo a escola como espaço de afirmação cultural e de transformação social. Diante desse cenário, esta pesquisa problematiza a seguinte questão: **de que maneira o ensino da Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental na modalidade EJA no/do campo, no município de Irará/BA, tem dialogado com as experiências de vida e de trabalho dos(as) trabalhadores(as) estudantes, no intuito de produzir sequências didáticas que contribuam para a formação emancipatória desses sujeitos?** Com base nessa problemática, apresenta-se como objetivo geral compreender de que maneira o ensino da Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental na modalidade EJA no/do campo,



no município de Irará/BA, tem dialogado com as experiências de vida e de trabalho dos(as) trabalhadores(as) estudantes, no intuito de produzir sequências didáticas que contribuam para a formação emancipatória desses sujeitos, e, como objetivos específicos: a) compreender as singularidades da formação de trabalhadores(as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos no/do campo; b) analisar de que maneira sequências didáticas produzidas a partir das experiências de vida e de trabalho dos trabalhadores(as) estudantes da EJA no/do campo podem contribuir para a formação emancipatória desses sujeitos; c) investigar junto aos(as) trabalhadores(as) estudantes os conteúdos matemáticos relevantes para os contextos de vida e trabalho destes(as); d) realizar rodas de conversa com os(as) professores(as) que atuam com o componente curricular Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental na modalidade EJA do campo, no intuito de produzir sequências didáticas que dialoguem com as experiências de vida e de trabalho dos(as) trabalhadores(as) estudantes; e) produzir, a partir das escutas dos(as) trabalhadores(as) estudantes e docentes da EJA, um *e-book* com sequências didáticas voltadas para o ensino da Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental na modalidade EJA no/do campo, com o intuito de favorecer a construção de práticas pedagógicas que contribuam para a formação emancipatória dos sujeitos da EJA no/do campo. Desse modo, propomos apresentar reflexões teóricas iniciais sobre as especificidades da formação de trabalhadores(as) estudantes da EJA no/do campo, bem como a relevância de sequências didáticas de Matemática para a formação emancipatória desses sujeitos da EJA. Em seguida, explicitamos metodologicamente como a presente pesquisa está sendo desenvolvida. A EJA no/do campo constitui-se como um espaço de formação humana, social e política, que emerge das lutas e das necessidades concretas dos sujeitos estudantes, trabalhadores(as) que vivem e atuam nas zonas rurais. Mais do que uma questão de localização geográfica, a expressão “no/do campo” revela dimensões distintas, porém complementares: “no campo” remete ao território físico, ao espaço onde as relações de produção e vida se desenvolvem; já “do campo” expressa o pertencimento, a identidade e o projeto político-pedagógico construído pelos sujeitos que lutam por uma educação coerente com sua realidade. Como destaca Caldart (2004, p. 5), pensar a educação do campo implica reconhecer a importância de uma escola que dialogue com o modo de vida, o trabalho e a cultura desses sujeitos, afirmando-se como um direito e como prática de emancipação. Essa perspectiva repercute diretamente no ensino da Matemática na EJA no/do campo, pois evidencia a necessidade de sequências didáticas articuladas ao trabalho, às experiências e aos saberes produzidos na vida cotidiana dos sujeitos trabalhadores(as), permitindo que o conhecimento escolar se conecte de forma significativa com as práticas sociais, produtivas e culturais desses educandos, respeitando suas experiências e saberes e priorizando a aprendizagem como processo de emancipação. Ao assumir essa concepção, o ensino da Matemática torna-se aprendizagem contextualizada e significativa para os sujeitos, articulada às suas práticas e modos de vida. Dando continuidade a esse pensamento, Miguel Arroyo (2005) enfatiza a importância de partir dos saberes dos(as) trabalhadores(as) estudantes para a construção do conhecimento, reafirmando que a aprendizagem deve dialogar com as experiências e práticas de vida dos sujeitos. Nesse sentido, Roseli Caldart (2004) concebe a escola no/do campo como espaço de afirmação cultural e de transformação social, em que o conhecimento escolar se articula com o modo de vida, as práticas e a cultura dos sujeitos. Nesse contexto, o estudo fundamenta-se na perspectiva da Etnomatemática de Ubiratan D’Ambrosio (1990, 2004), que compreende a Matemática como uma produção cultural vinculada às práticas sociais, históricas e simbólicas dos grupos estudados. No âmbito da pesquisa educacional brasileira, a



Etnomatemática se apresenta como uma abordagem que possibilita articular o ensino da matemática às práticas culturais, sociais e laborais dos sujeitos, particularmente na EJA. Alves e Magalhães (2016) enfatiza que educar matematicamente jovens e adultos(as) na contemporaneidade exige reconhecer os saberes e experiências como elementos centrais do processo formativo. Essa perspectiva aproxima-se da concepção freiriana de educação emancipadora, ao propor que o conhecimento matemático seja problematizado e reconstruído a partir do diálogo entre escola, território e cultura local, superando a visão tradicional da matemática como um saber abstrato e universal. Dessa forma, a Etnomatemática articula teoria, prática e cultura, contribuindo para uma crítica significativa e socialmente situada. Assim, como afirma Paulo Freire (1996), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, pois ensinar implica investigar a realidade dos(as) trabalhadores(as) estudantes, tornando suas experiências de vida e de trabalho objeto de crítica, na perspectiva de compreender e transformar o mundo em que vivem. A presente pesquisa configura-se como uma investigação de natureza qualitativa e caráter interventivo, adequada para compreender fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, possibilitando analisar experiências, percepções e desafios enfrentados no ensino da Matemática na EJA. Participarão da pesquisa professores(as) e trabalhadores(as) estudantes da EJA em escolas no/do campo do município de Iará, com o objetivo de construir uma compreensão mais ampla e dialógica sobre o processo de ensino-aprendizagem. Na etapa atual da pesquisa, está sendo realizada a atualização do referencial teórico. A presente pesquisa encontra-se em andamento, na etapa de revisão bibliográfica, destacando as perspectivas teóricas norteadoras para compreender a EJA no/do campo, com ênfase na Educação Matemática e na Educação no/do campo. A elaboração de sequências didáticas contextualizadas surge como estratégia pedagógica central, contribuindo para a formação significativa dos sujeitos, a construção do conhecimento e a transformação de suas realidades escolares e sociais. Nesse percurso, Alves e Magalhães (2016) enfatiza a importância do ensino da matemática articulado ao cotidiano da EJA, conectando conteúdos escolares às experiências e saberes dos educandos; D'Ambrosio (1990, 2004) fundamenta a Educação Matemática como produção cultural vinculada às práticas sociais, históricas e simbólicas; Caldart (2004) concebe a Educação no/do campo como espaço de afirmação cultural e transformação social; e Freire (1987, 1996) reforça a relevância de respeitar a realidade concreta dos sujeitos, promovendo aprendizagens integradas às suas experiências de vida e trabalho. Dessa forma, essas perspectivas teóricas orientam a investigação, subsidiando práticas pedagógicas contextualizadas, culturalmente sensíveis e socialmente transformadoras, capazes de valorizar os saberes dos estudantes e fomentar sua participação ativa na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação do campo; Ensino da Matemática; Sequência didática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Érica Valéria; MAGALHÃES, André Ricardo (org.). **Educar matematicamente jovens e adultos na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2016.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre tradições e a modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.



D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ARROYO, Miguel. **Formação de professores e saberes do campo**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2007.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo e identidade cultural**. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra**. São Paulo: Ática; 2006.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.